

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 615

25 DE JANEIRO DE 1896

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Cactano Alberto da Silva.

que tudo aquillo lhes provocasse as lagrimas, só agora conhecedores d'esse sentimento que lhes estava lá dentro, tão latente que nem sabiam d'elle.

Precisamos agora saber aproveitar com juizo o que esses doidos sublimes conquistaram. Alguns jornaes estrangeiros teem fallado da venda de Lourenço Marques, boatos propalados talvez com

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma semana inteira de festas e de entusiasmos: chegada dos soldados victoriosos, *Te-Deum* nos Jeronymos, recita de gala em S. Carlos, marcha dos estudantes.

Depois de tanto luto, depois de tanta dôr, os mesmos, que n'aquella manhã de tanto sol, o céu em festa, acompanharam aos Jeronymos o corpo enteiriçado do que foi um dos maiores poetas de Portugal, despiram os fatos lutuozos, vestiram-se de gala. O sol da gloria portugueza não se escondeu de todo. Como nas terras boreaes, ao crepusculo da tarde, seguiu-se immediatamente o de uma nova aurora.

Era quasi noite fechada, quando João de Deus, adormecido no seu caixão, deu entrada na igreja. Ardiam luzes lá dentro e a abobada altissima esfumava-se na penumbra indistincta em seus contornos. A luz tibia do dia moribundo mal coava a travess da rosacea sobre o côro e dos vidros das altas, esguias janellas lateraes. No cruzeiro, as luzes das tochas destacavam-se em amarello doirado, com scintillações funebres, na escuridão da noite. E do côro da igreja, entre os gemidos da orchestra, subiam lamentosas preces. Os ultimos passos do padre ecoaram no templo vastissimo; os feixos das portas gemeram nos gonzcs; a igreja ficou solitaria; apenas no silencio enorme crepitavam as luzes das lampadas. João de Deus dormia.

Cinco dias depois tornaram-se a abrir aquellas portas. Tiniram pelo templo as espadas; de fóra entravam em lufadas notas alegres de fanfarras, marchas triumphaes. No côro da igreja os musicos entoavam o allegro de um *Te-Deum*. Em vez do silencio, a alegria; em vez da noite escura o dia claro; em vez do adagio triste da marcha funebre, o hymno glorioso da victoria.

De noite os estudantes sahiram á rua, levando adeante arvorada a bandeira azul e branca. Tocavam uma marcha alegre e davam vivas! A luz dos archotes e dos balões brilhava cheia de alegria; estoiravam no ar notas festivas. Eram as mesmas rebecas, as guitarras, os bandolins que, dias antes, haviam gemido funebremente atraz do feretro de João de Deus.

É assim a vida. Na nuvem negra brilham as côres do arco-iris, succede á noite a alegria d'uma aurora. Caem as ultimas folhas dos ulmeiros exactamente quando as amendoeiras se enchem de flores.

D'entre todas as festas, uma das que mais memoraveis não de ficar, foi certamente a noite de gala no theatro de S. Carlos. Raras vezes se tem visto entusiasmo igual áquelle. Indiscriptiveis os applausos com que foram recebidos pelo publico o coronel Galhardo e o major Machado, apresentados á frente da tribuna real pelo sr. D. Carlos e rainha sr.ª D. Amelia. O capitão Couceiro, que se achava na platéa, foi levantado aos hombros, passeado pelo theatro entre vivas. Brilhavam lagrimas nos rostos de todos!

Dias verdadeiramente felizes foram estes! Tanto mais, quanto menos costumados andavamos a sabel-os avaliar. Muitos se espantavam do effeito que o entusiasmo popular lhes fazia nas almas. Muitos diziam que haviam chorado, espantados

A GUERRA NA AFRICA ORIENTAL



REGRESSO DAS FORÇAS EXPEDICIONARIAS A LISBOA — CHEGADA AO TEJO DO VAPOR «ZAIRE»

(Desenho do sr. José Pardal)

mã tenção a que o ministro da marinha já respondeu convenientemente. A *Tarde* desmentindo-os termina por esta forma as suas declarações:

«Se houvesse ministros que pretendessem vender Lourenço Marques, camaras que tal proposta approvassem, rei que tal venda assignasse, ministros e camaras seriam lapidados, rei que firmasse tal contracto teria assignado não só a sua abdicção, mas a sua eterna deshonra nas paginas da historia portugueza.»

Assim era decerto. O sangue portuguez derramado n'essa charneca d'Africa não tem preço; por-lh'o seria peor e mais infame que o mais cobarde dos assassinos. Os que morreram foi para bem da patria e honra da bandeira. É a bandeira azul e branca que deve tremular eternamente n'aquellas regiões.

Pensemos nellas com amor, com dedicação; empreguemos para bem d'ellas, que são pedaços do reino, a nossa intelligencia, os nossos esforços, Assim pagaremos, unica forma por que poderemos fazel-o, a dedicação, o heroismo, os esforços dos nossos gloriosos irmãos, que lá ficaram enterrados no meio da Africa, entre ripados de madeira, que lhes defendem os cadaveres contra os carnivoros nocturnos.

Um punhado d'ouro recebido em troca d'essas vidas sacrificadas seria um escarro n'aquellas reliquias santas. Não ha portuguez que se atreva a tanto.

Brevemente hão de voltar outros, os que acompanham o Gungunhana prisioneiro. Serão entre festejos recebidos: Depois ainda virão outros com o capitão Mousinho e hão de recrescer as festas. A guerra é um mal, mas bem diz o velho dictado: Ha males que veem por bem. Veio-nos este provar que é sempre o mesmo o sangue portuguez, que os soldados portuguezes continuam tendo as mesmas qualidades para a guerra que fizeram uma vez dizer ao grande Napoleão que, se tivesse dez regimentos como aquelle que d'aqui levou, conquistaria o mundo.

Agora foi um pouco mais do que isso. Ouvindo as descrições dos combates na Africa Oriental, pensa a gente estar lendo o que Alexandre Dumas, nos seus romances imaginou de mais fantastico e sobrenatural. Cruzavam-se antes da batalha os ditos alegres. Ayres de Ornellas, sentado no ponto mais exposto ás ballas, tirava tranquilamente o relógio para ver a que horas começava a toirada. Um soldado desnarigado por uma balla ouvia esta observação d'um official: — E' que não estavas no alinhamento. A disciplina debaixo de fogo foi heroica e Mousinho de Albuquerque, para descrever o denodo e a coragem do coronel, só encontrou esta forma pittoresca de dizer: — «O Galhardo, uma belleza!»

Parece que estamos n'outros tempos, que relembros bocados de Barros, de Couto, de Freire d'Andrade. Sempre é de portuguezes que se fala.

E, porque começámos falando de mortes, e porque a vida é assim, eu que desejára ter escripto parte d'esta chronica com a luz das estrelas sobre seda resplandecente azul e branca, vou terminal a com mais um laço de crepe, em honra de trez artistas que tambem tiveram noites de gloria, dias alegres na vida, e que lá foram, todos elles despertando mais ou menos saudades, para as regiões ignoradas de além da abobada azul.

Desde que o anno começou tres artistas dramaticos foram procurar a paz do tumulo. Florinda abriu a marcha, depois o Lima, ultimamente a Fantony.

Florinda era a mais conhecida de todos. Quando as primeiras operas comicas francezas começaram tendo exito em Portugal, estava ella em toda a refulgencia da sua bella mocidade. Teve centos de adoradores. Tinha uma voz fresca, alegria na comedia, uma presença insinuante. Ultimamente, quando já a velhice tão aterradora para os pobres artistas, lhe batia á porta, entrara para o theatro de D. Maria, onde apenas representou em duas ou tres comedias. Uma doença horrivel atormentava a. Encontrei-a a ultima vez que sahii. Não podia andar de carruagem. Descia o Chiado a pé, pelo braço da filha; ia á Graça ao Senhor dos Passos, pedir-lhe um allivio que a medicina lhe negava. Pobre Florinda! Deus enviou-lhe o Anjo da Morte, que lhe acabou com o soffrer.

Lima era um actor engraçadissimo, e, se uma doença de larynge o não tivesse ha muito perseguido cruelmente, fazendo-lhe muita vez perder a voz, seria decerto um dia um dos bons actores comicos portuguezes. Tinha uma graça notavel e espontanea, rarissima, um certo fetto manso de dizer os extraordinarios disparates das operas comicas, que era só d'elle. Mas a voz

trahia-o e alguma vez o vi chorando nos bastidores, vendo adiante de si, o espectro da miseria, a incapacidade de, pelo trabalho a que se dedicára, ganhar o sustento de mulher e filhos. A tísica levou-o e, para que maior fosse o quadro de miseria, ainda o corpo d'elle não arrefecera de todo, ainda mal dera entrada no caixão, quando o filhinho expirou com a mesma doença, para na outra vida acompanhar o pae, que em tão má hora lhe dera o ser! Pobre Lima! Quanta vez a plateia riu ao ouvil-o e elle tinha na alma o maior dos soffrimentos!

Não foi mais feliz a actriz Fantony. Recolhida por caridade em casa do sr. Julio de Carvalho, enfermeiro do hospital Estephania, ali falleceu, esquecida de todos. Fantony tinha corrido meio mundo, na vida airada de actriz de companhia de provincia, cujos empregarios faliam sempre. Veio por fim a Portugal onde era estimada pela sua boa natureza, alegre e commoda, e aqui se deixou ficar. Em Lisboa cantou o *Burro do Sr. Alcaide*, o *Solar dos Barrigas*, a *Perichole*, o *Homem da Bomba*, os *Sinos*, o *Rei damnado* e muitas outras operas comicas. Todos a estimavam. Era uma boa rapariga.

Um laço de crepe n'uma pequenina corôa de saudades para todos tres.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

A GUERRA NA AFRICA ORIENTAL

A CHEGADA DOS EXPEDICIONARIOS

No dia 19, pouco depois de nascer o sol, ouviram-se em Lisboa os tres tiros de artilheria da salva, que devia annunciar a chegada do *Zaire* conduzindo uma parte da expedição militar que regressava das campanhas d'Africa, e em que vinha o sr. conselheiro Antonio Ennes, commissario regio e o coronel sr. Galhardo.

Logo a população da cidade se pôz em movimento affluindo, uns á margem do rio e os que tinham bilhetes de embarque nos navios que deviam ir a Paço d'Arcos comboiar o *Zaire* rio acima, ao Arsenal.

No Tejo o movimento de pequenos vapores e botes era grande, conduzindo familias que se apressavam a ir ver os expedicionarios onde contavam parentes, amigos, entes queridos.

Em Paço d'Arcos quem primeiro visitou os expedicionarios foram os srs. Costa Pinto presidente da Camara de Cascaes e Zephyrino Brandão da escola de torpedos.

A' uma hora da tarde seguiu o *Zaire* rio acima comboiado pela corveta *Duque da Terceira*, canhoneiras *Mandovi*, *Liberal* e *Puro* e grande numero de pequenos barcos. A' uma hora e tres quartos atracou o *Zaire* á ponte do Arsenal, onde já se encontrava a familia real, ministerio, camara municipal, officialidade e grande quantidade de povo.

El-rei, a sua comitiva e ministerio entraram a bordo e visitaram todo o navio, onde as forças formaram no convez.

As forças que vinham a bordo compunham-se, entre officiaes, sargentos, cabos, soldados e coneiteiros de 470 de caçadores 3, 150 de infantaria 2, 22 de artilheria, 25 de engenharia e 37 de cavallaria 1. Alem d'estes vieram mais 2 praças do corpo de policia de Lourenço Marques.

Durante a viagem haviam fallecido 13 expedicionarios.

A's duas horas e um quarto realizou-se o desembarque, no meio de ruidosos vivas e aclamações dos convidados que enchiam o Arsenal e das pessoas que, n'um sem numero de barcos, cercavam o *Zaire*.

As bandas dos contingentes dos corpos, que tinham ido esperar os expedicionarios, tocavam o hymno da Carta, ao som do qual marchavam as forças que desembarcavam. A' frente marchavam os engenheiros e em seguida a artilheria; depois caçadores com o seu coronel sr. Galhardo á frente o qual era alvo das maiores manifestações de applauso. O major sr. Machado occupava o seu lugar, de braço ao peito, resultado dos ferimentos recebidos em campanha; os expedicionarios tinham todos aspecto doentio, resultado das febres, entretanto no rosto de muitos lia-se a satisfação e alegria de quem trazia a consciencia de ter cumprido o seu dever e de chegar á patria onde tinha a familia.

De entre o povo mal se podiam conter muitos, principalmente, as mulheres que se lançavam aos abraços aos filhos, maridos, irmãos, entes queridos que voltavam, enquanto outras choravam desoladamente a perda dos que não viam voltar.

Quadros de alegrias e tristezas confundidos no meio do entusiasmo geral, que se expandia em repetidos vivas e palmas.

Sua Magestade a Senhora D. Amelia deu logar na sua carroagem ao sr. conselheiro Antonio Ennes.

As forças expedicionarias vieram formar no Terreiro do Paço onde El-rei lhes passou revista, depois Sua Magestade com a sua casa militar e todo o estado maior, seguiu pela rua Augusta, sob o arco triumphal, voltou á rua Nova d'El Rei e continuou pela rua Aurea com direcção ao quartel de Val de Pereiro, para onde iam ser aquartelados os expedicionarios.

Seguiram então as forças repatriadas pela mesma ordem que tinham desembarcado, precedidas pelo sr. ministro da guerra com o seu estado maior e levando na frente o coronel sr. Galhardo e major sr. Machado ambos a cavallo.

As aclamações do povo tocavam o delirio por todo o caminho, em que estavam postadas de distancia em distancia as bandas regimentaes tocando o hymno nacional.

O povo acompanhava os expedicionarios destacando-se os membros da Imprensa e a Academia representada por grande numero de estudantes.

Na rua Aurea, sobretudo, é que as manifestações foram mais ruidosas. Muitas das janellas das casas estavam embandeiradas, como os armazens Grandella, e todas apinhoadas de senhoras, que correspondiam calorosamente ás ovações da rua, agitando os seus lenços e lançando flores sobre os expedicionarios.

Suas Magestades as Rainhas aguardavam a passagem das tropas na Avenida da Liberdade e quando estas passaram junto da carroagem da Senhora D. Maria Pia, a filha de Victor Manoel deulhes palmas e atirou com *boquets* de flores aos bravos soldados portuguezes.

Foi uma marcha triumphal até ao quartel de Valle de Pereiro; que estava todo embandeirado e decorado com festões de flores e tropheos para receber os seus gloriosos hospedes.

Nesse mesmo dia houve jantar de festa a todas as praças.

Na segunda feira cantou-se um solemne *Te-Deum*, nos Jeronymos a que assistiu a familia real, corte, corpo diplomatico, representantes das duas casas do parlamento, officialidade de mar e terra, auctoridades civis, ecclesiasticas e militares, Camara Municipal, Academia das Sciencias, Sociedade de Geographia e da Cruz Vermelha, Imprensa, Academia e grande concurso de povo.

O sr. bispo de Evora fez uma brilhante oração em que mais uma vez provou os seus grandes talentos oratorios.

Na terça feira 21, teve logar o jantar no paço offerecido por El-rei á officialidade e á noite realisou-se a recita de Gallia em S. Carlos, a que assistiram os srs. Conselheiro Antonio Ennes, coronel Galhardo, major Machado e mais officiaes da expedição, havendo as mais entusiasticas ovações de que ha memoria n'aquella sala de espectaculos.

El-rei abraçou na tribuna real os srs. conselheiro Antonio Ennes e coronel Galhardo dando vivas ao exercito e á marinha.

Foi uma noite de delirio.

No dia seguinte teve logar na sala do risco do Arsenal de Marinha, a distribuição das medalhas aos expedicionarios, feita por Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, a que assistiu El-rei, ministerio, officialidade de terra e mar, grande concurso de convidados que enchiam as galerias da sala etc.

Depois d'esta cerimonia Suas Magestades El-rei e Rainha dirigiram-se ao hospital militar da Estrella onde distribuiram as medalhas aos expedicionarios que ali estavam doentes.

E assim terminaram em Lisboa as festas com que foram recebidos os valentes soldados que tão gloriosamente honraram a patria nas hospitas terras d'Africa.

OS FUNERAES DE JOAO DE DEUS

Em o numero antecedente já nos referimos, no artigo *Notas*, aos funeraes do grande poeta e que deram logar ás manifestações mais imponentes do sentimento publico a que Lisboa tem assistido, n'estes ultimos tempos.

Hoje publicando os desenhos que illustam as pag. 21 e 24 n'este numero completamos aquelle artigo registrando pela gravura os pontos mais importantes da funebre cerimonia.

OS ÚLTIMOS MOMENTOS

Aos amigos íntimos de João de Deus

Esse poeta amado e bem-querido,
Chamma que pouco a pouco se apagava,
No seu modesto leito agonizava
Sem uma contracção, nem um gemido.

Carlos Tavares disse-me ao ouvido
Que elle estava a expirar. Eu segurava
A vela que este quadro alumiaava,
E tinha o coração de dor transido

Monteiro, Julio, Freire, esses choravam
E nos convulsos braços se apertavam.
Padre Antonio encostou-se a mim então;

Dei-lhe na testa um beijo soluçado.
Santos Valente entrou allucinado,
E poz-se inda a chamar: João! .. João! ..

15-1-96.

Libanio Baptista Ferreira.

Uma pagina da historia contemporanea

VI¹

Do officio do Conde de Villa Flór mostra-se igualmente que os miguelistas accosados em parte pela fusilaria matadora, que chovia sobre as lanchas, e em parte com o fim de lançar uma segunda columna contra o flanco direito da linha inimiga, retiraram as lanchas para bordo, deixando assim a sua primeira força composta da flór das suas tropas e quasi totalmente formada de granadeiros e caçadores, entre o abysmo do mar e na escarpa impraticavel, guarnecida no cume por uma activa fusilaria. Neste tempo já a columna central que o conde de Villa Flór tinha feito marchar ao primeiro indicio do ataque, depois de percorrer uma grande extensão de estrada batida de flanco pelas baterias da nau e fragatas, entrava na Villa da Praia, e já a primeira columna dos atacantes, privada do seu commandante e de outros officiaes feridos mortalmente, accommettida por um chuveiro de balas, isolada na base da escarpa, se achava completamente rota e desalentada; os soldados exasperados bradavam pelas lanchas para reembarcar-se, mas bradavam inutilmente continuando a soffrer o fogo dos liberaes, enquanto os navios sem cessar faziam jogar a sua artilheria para a terra.

Mostra-se pois que os miguelistas se achavam entre dois fogos, o fogo da terra e o fogo do mar. O conde de Villa Flor chama a attenção do ministro da Rainha sobre o espectáculo que se lhe apresentou quando chegou ao campo da batalha expectaculo, diz elle, o mais bello que pôde encontrar-se na guerra que talvez se não apresente em um só sobre mil combates. Os canhões da esquadra batendo por toda a parte a praia e columnas adjacentes e os fortes com um limitadissimo numero de canhões servidos por artilheiros da costa, respondendo a centenas de bocas de fogo que os atacavam; no alto da escarpa a pequena linha de voluntarios desenvolvendo simultaneamente o maximo valor e a mais sublime generosidade.

Os atacantes abandonados sobre os rochedos, não podendo estender-se, nem escapar-se, persuadidos que os soldados da Rainha imitando as ordens por elles recebidas, lhes negariam quartel, estavam reduzidos á exasperação; os mais audazes faziam fogo sobre o cume da barreira e em breve feridos, occultavam-se entre as penhas, que o mar vinha pouco a pouco invadindo, porque a maré estava na força da enchente; e os mais fracos escondiam-se nas lapas. Este horroroso estado de infelicidade commovera os generosos voluntarios que vendo nos vencidos um bando de victimas miseraveis, lhes bradavam do alto da escarpa que não fizessem fogo, que se rendessem, que nada tinham a receiar desarmados; e alguns ligados por cordas, estendendo-as ao longo da escarpa, outros descalçando se, e descendo assim pelos penhascos davam as mãos e tiravam do abysmo os inimigos, que effectivamente largavam as armas, sem que se perturbassem os voluntarios, nem com o fogo dos canhões e dos mosquetes, nem com a metralha d'um brigue que fazia fogo sobre a vela; e conduzindo os prisioneiros assim feitos, á Villa da Praia, voavam de novo ao fogo, muitos ligando com lenços rasgados mais de uma ferida recebida.

Logo que a columna central penetrou no campo da batalha o conde de Villa Flór fez avançar duas companhias do 5.º batalhão de caçadores, para

supportarem na esquerda os voluntarios e mandou estender o resto da força no lado direito da bahia, contra a qual o inimigo dispunha o seu segundo ataque.

Quando estas disposições estavam tomadas ao abrigo da nau e fragatas, embarcava uma segunda columna, e as lanchas desenvolvendo-se successivamente ameaçavam a direita da força liberal; mas tendo o primeiro tiro da artilheria de campanha, da bateria do commando do capitão Vilarim voltado a primeira lancha, e os seguintes tiros confundido toda a linha, as lanchas retrocederam e cobriram-se com a nau, ao som dos gritos de victoria de toda a linha triumphante dos liberaes.

Chegava depois o resto da artilheria e os obuses, que as difficuldades das estradas tinham demorado; e a primeira granada por elles lançada ameaçou a esquadra de um novo perigo. Era porém noute, a maré estava em preamar e a nau, que tinha na baixa mar tocado no fundo, fluctuava de novo; a calma que reinara no decurso da tarde fôra substituída por uma leve viração. Então a nau commandante, vendo malgrado o ataque, abandonando completamente a flór das suas tropas, com que atacara a esquerda do inimigo, fez signaes ao restante da esquadra, e os navios cortando apressadamente as amarras surgiram fóra da bahia fazendo-se ao mar; o que de certo não conseguiriam se o tempo tivesse permitido o trazer ás baterias da Praia, maior numero de peças de grosso calibre.

Os miguelistas perderam n'este dia toda a força com que atacaram a esquerda dos liberaes, avaliando-se, segundo observa o conde de Villa Flor, a perda, em 800 a 1000 homens dos quaes 338 foram feitos prisioneiros e os restantes pela maior parte mortos sobre as rochas e afogados, como se viu do grande numero de cadaveres que vieram á costa. Allí morreram varios officiaes, entre elles o tenente coronel Azevedo, commandante em 2.º da expedição, e commandante da 1.ª brigada, o major D. Gil Ennes da Costa. O 1.º d'estes officiaes mortalmente ferido foi ainda testemunha da completa victoria dos liberaes, mas expirou poucos momentos depois, manifestando o seu espanto pela generosidade com que via tratados os seus camaradas, com que elle mesmo tinha sido soccorrido. Abandonaram-se n'este ponto as 3 canhoneiras com que fora protegido o desembarque; a perda que soffreu a 2.ª columna foi a considerabilissima pela impossibilidade de salvar a gente das lanchas voltadas e quebradas. Finalmente soube-se dos prisioneiros que tinha sido muita gente ferida a bordo, e entre outros o tenente coronel Douzel commandante da 2.ª brigada, ferido por um estilhaço do pau da retranca roto na nau. Pedacos de lanchas quebradas, alguns barcos abandonados, cadaveres em grande numero, ainda em 15 d'agosto d'aquelle anno, dá do officio e que nos referimos, estavam sendo arrojados pelo mar em toda a costa da bahia da Villa da Praia, e nas adjacentes. A perda dos liberaes consistiu em 9 homens mortos, inclusos 3 officiaes e 25 feridos, como se vê no mappa junto ao officio a que nos referimos.

Tal foi a batalha de 11 de agosto, e n'um dos proximos numeros faremos mais algumas considerações sobre ella.

Dr. A. M. de Tavora.

AS DEDICATORIAS DE JOÃO DE DEUS

A maior parte das poesias de João de Deus não teem dedicatória. Era uma honra com que elle distinguia os seus mais íntimos amigos. Damos em seguida a relação dos que tiveram a fortuna de ver o seu nome perpetuado n'essa obra immorttal que se chama *O Campo de Flóres*:

- Melancolia, dedicada a Manuel Vianna, pag. 10.
- Folha cahida, Ferreira Lima, pag. 36.
- ?, M. Duarte de Almeida, pag. 49.
- Os olhos fallam, V. de C., pag. 53.
- Tristezas, Sebastião Formosinhos, pag. 58.
- Fragmento, Guimarães Fonseca, pag. 63.
- Desalento, Dr. Ferraz de Macedo, pag. 65.
- Ello, Theophilo Braga, pag. 67.
- Ancião, Emydio Monteiro, pag. 78.
- Amor mystico, D. José III, Cardeal Patriarcha, pag. 80.
- Adoração, Fernando Leal, pag. 85.
- Alma perdida, Luiz Guimarães, pag. 90.
- Amor, João Vilhena, pag. 96.
- Descalça, João d'Oliveira Ramos, pag. 100.
- Heresta, José Falcão, pag. 106.
- Innocencia, Alberto Telles, pag. 138.
- Olhar, Luciano Cordeiro, pag. 168.
- Desalento, Casimiro Freire, pag. 182.

- Presentimento, José Antonio Garcia Blanco, pag. 199.
- Anchel, D. Candida Nazareth, pag. 223.
- A Janny, A Janny, pag. 252.
- Minha mãe, Carolina Michaelis, pag. 264.
- Lamentos de mãe, A' esposa de Theophilo Braga, pag. 265.
- Primeiro Amor, Joaquim de Araujo, pag. 301.
- Miseria, Silva Pinto, pag. 302.
- Velho opererario, Anthero do Quental, pag. 339.
- Luz da Fé, Joseph Benoliel, pag. 351.
- Deus, Marco Antonio Cassini, pag. 376.
- O leão moribundo, João Arroyo, pag. 391.
- Dia de annos, Zephyrino Brandão, pag. 405.
- Glosas, Antonio de Sousa Maldonado, pag. 457.
- A lato, A A. Castello Branco, pag. 521.
- Cantico dos canticos, Lobo de Moura, pag. 573.
- A Caridade, Padre A. do E. S. Ramos, pag. 608.
- Canção, Libanio B. Ferreira, pag. 631.
- Penedo das saudades Cryptinas, Santos Valente, pag. 641.
- Desafio, Francisco de Almeida, pag. 3.

De 250 poesias apenas foram dedicadas estas 38.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PFNINSULAR

ANECDOTAS DOS POSTOS AVANÇADOS — O PIQUE DE BLANCHEZ-SANCHEZ

(Concluído do n.º 613)

Officiaes e soldados vinham absolutamente convencidos de que marchavam a encontrar-se com a tal brigada, e eram assaz dignas de ser vistas as caras de espanto que puzeram, quando perceberam o logro. Affirmei-lhes que estava persuadido de que a brigada tinha retrogradado até uma aldeia que ficava perto, para ali pernoitar e intimei toda a malta a que tocassem os cavallos, pois era forçoso recolhermos antes do escurecer. Todo o meu fim, já se vê, era cançal-os o mais que pudesse e chegarmos quanto antes, á aldeia; apenas avistei, pois, a povoação, mandei adiante um soldado a participar ao alcaide que trazia comigo alguns prisioneiros, e que era preciso que elle mandasse pôr á minha disposição a igreja para n'ella os mandar aquartelar, — e que mandasse accender luzes no recinto.

Tinha-se ali dito missa de manhã, e deixado ficar as véas nos castiçoes dos altares e nos tocheiros: accenderam tudo á nossa chegada, e ora imaginem uma leva de soldadesca, levando os cavallos á arreia e entrando por ali dentro, de roldão, que singular contraste não apresentaria com o aspecto da pacifica e silenciosa congregação, a qual, no mesmo logar, doze horas antes, assistia de joelhos, á cerimonia.

Os prisioneiros estavam, ao que diziam, a cahir de lazeira, pois, desde que tinham sabido de Salamanca, não lhe haviam distribuido rações. Tive de appellar, mais uma vez, para a bondade do alcaide, que mandou logo fazer uma collecta de pães pelos moradores da aldeia, e buscar vinho á sua propria adega. Ajudado pelo cura e pelo alcaide, distribui as rações, o vinho, porem, dado por conta e medida.

Bandos de aldeões, ou antes de velhos, mulheres e creanças andavam todos, á compita, a ver qual nos seria mais prestavel.

Deixei descansar um pedaço a minha gente, depois que acabaram de comer, e entretanto mandei deitar uma pouca de herva aos cavallos; em seguida participei aos officiaes que tinhamos de marchar ao encontro da brigada, que me parecia não vir longe. Sahimos, pois, do templo, formámos no adro, na mesma ordem já indicada, e deixámos a povoação, aos sons dos ruidosos vivas dos habitantes, e circumstancia não menos aprazivel — alumiados na jornada por um lindissimo luar.

Chegamos finalmente á vista das primeiras vedetas do 14 de dragões ligeiros, que nos bradaram: — Quem vem lá! — A' resposta — «patrulha» — deixaram-nos passar sem mais estorvo; porém vendo a pressa com que vinhamos e entrevendo á luz indecisa do luar tão consideravel numero de cavallos com as caudas compridas, desconfiaram de algum estratagem do inimigo, atiraram sobre nós, e recolheram ao piquete. D'ali a nada este que chega a trote largo; os soldados todos de espada desembainhada, e á testa d'elles, o te-

¹ Era uso, na cavallaria ingleza, cortarem as caudas dos cavallos, deixando-as assaz curtas, quaes as trazem os do typo a que, entre nós, o povo, em reminiscencia de tal circumstancia, chama ainda hoje, por corruptela: — *horsos*.

¹ O artigo que no n.º 613 sahia com a l.ª de ligação de VI é V.

nente Ward, ao qual fui logo tractando de contar todo o succedido. Felicitou-nos pela boa sorte que tiveramos, dirigiu louvores a todos e levou-nos á presença do major general, barão de Alten, commandante da brigada, com quem ficaram os prisioneiros.

Soldados e cavallos foram aquartellados n'uma capella, proxima do nosso bivaque. A nossa entrada n'este foi, pelos officiaes e soldados, saudada com alegres clamores. Os prisioneiros marcharam a pé, debaixo de escolta, para o quartel general.

Esforcei-me, como v'êm, por dar conta exacta e minuciosa da captura, em Blanchet Sanchez, do tal piquete inimigo, que consistia em um official e sete praças de cavallaria, com as competentes armas, municiamento, etc., tudo em bom estado de serviço; e de como pela mesma occasião, eram tambem capturados um coronel, e o cavallo em que vinha, o seu impedido, dois muares e bagagens; — feito que foi consummado pela pequena patrulha do meu commando; e, como tes-

de dragões, e invoco ainda o do coronel Brotherton, inspector dos depositos de cavallaria em Maidstone. (1) *Spectator.*

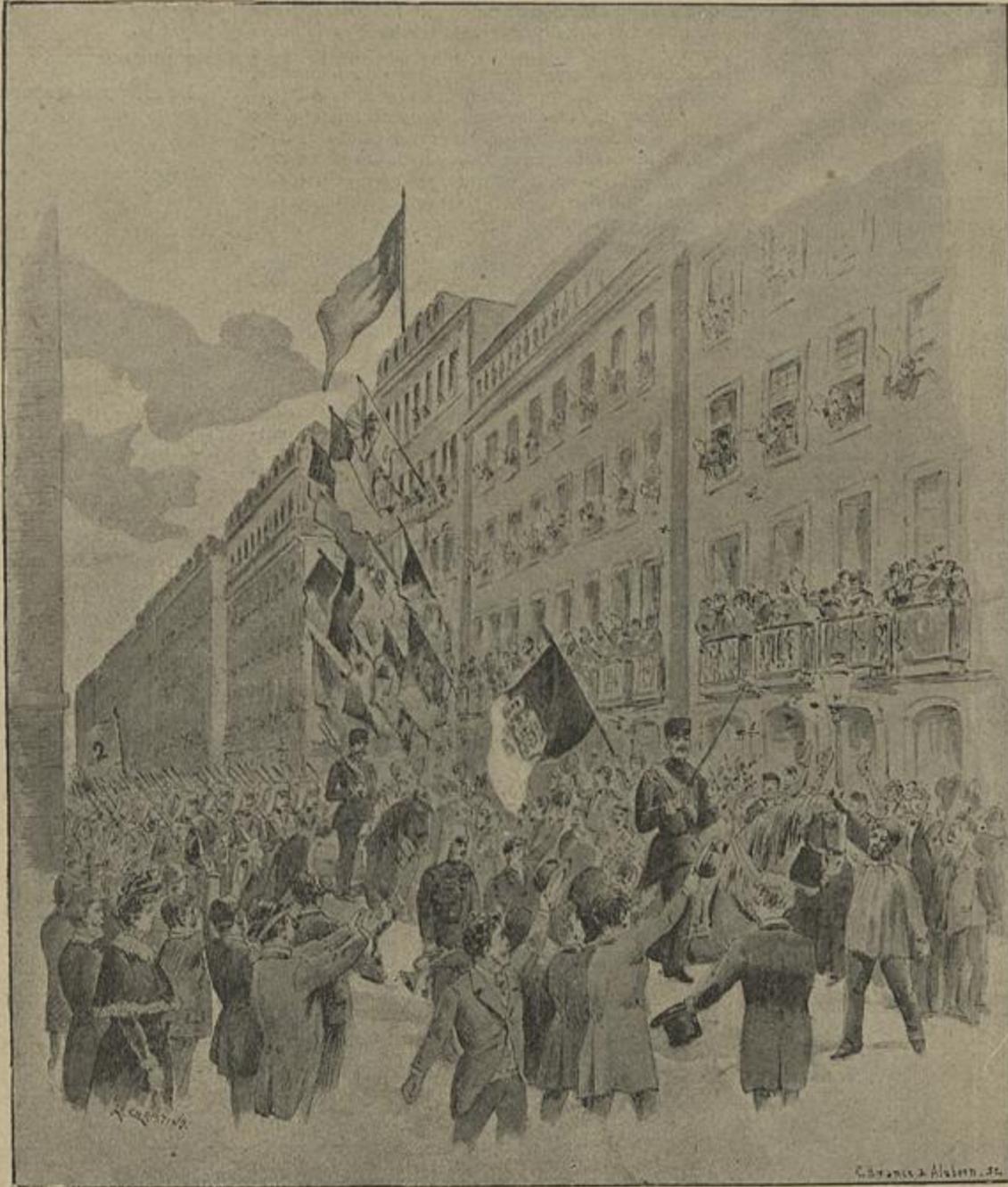
O DIARIO DAS CORTES

(Continuado de paginas 6)

2.ª EPOCA

Pela outhorga da Carta Constitucional reapareceu esta publicação com o titulo:

A GUERRA NA AFRICA ORIENTAL



REGRESSO DOS EXPEDICIONARIOS A LISBOA
PASSAGEM DAS TROPAS NA RUA AUREA ACCLAMADAS PELA POPULAÇÃO

(Desenho do sr. J. R. Christino)

Sua Graça o Sr. Duque de Wellington houve por bem ordenar que os cavallos do piquete fossem distribuidos pelos diversos regimentos de cavallaria, que faziam parte da guarda avançada do exercito, pagando por cada um, em conformidade com as instrucções regulamentares, a quantia de 25 libras esterlinas, e sendo o resultado da venda repartido pelas praças que constituíam a patrulha. O Sr. Duque dignou-se tambem manifestar-nos a sua approvação, mediante um donativo de doze *dollars* a cada soldado; e a mim, assim que cheguei a Madrid, mandou-me entregar vinte e e quatro. Ainda por cima, teve a bondade de se referir em um dos seus despachos para Inglaterra, ao caso em questão.

temunho honroso do qual, fui galardoado com uma medalha, á frente do meu regimento.

Seja-me permitido, em conclusão, observar que, se acaso, como pretende o auctor do escripto a que me referi, os soldados do piquete estivessem *folgando na taberna*, não haveria sido tarefa das mais faceis agarral-os, e trazel-os a todos, de tão longe.

A verdade, é que foram surpreendidos por nós; — pelos modos, não teriam ainda esquecido o panico e a confusão em que o exercito anglo-luso os puzera meia duzia de dias antes, no campo da batalha de Salamanca.

Appello tambem para o testemunho do tenente coronel Townsend, actual commandante do 14

DIARIO DA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS

Consta esta colleccão de sete volumes: o 1.º com o resto de 1820, isto é, desde 30 d'outubro até

(1) Esta carta parece ter sido escripta poucos annos depois de terminada a ultima campanha da Peninsula, e na epoca em que principiavam a apparecer livros e artigos jornalisticos, historiantes da guerra peninsular. E' de supôr, ou que fosse dirigida pelo seu auctor a Maxwell, ou por este ultimo transcripta, — como allás transcreveu muitas outras — em suas obras.

As listas das cartas e communicados que successivamente vieram á luz nos jornaes, revistas e magazines do Reino-Unido, discutindo affirmações erradas ou levianas, explicando pontos obscuros ou reivindicando a honra e a gloria de feitos militares, é tão curiosa como abundante. *N. do T.*

OS FUNERAES DE JOÃO DE DEUS



EGREJA DA ESTRELLA — ONDE ESTEVE DEPOSITADO O CORPO DE JOÃO DE DEUS



OS ESTUDANTES VELANDO O CADAVER DE JOÃO DE DEUS — NA EGREJA DA ESTRELLA

(Desenho do sr. J. R. Christino)

22 de dezembro; os três seguintes com as sessões de 1827, de 2 de janeiro a 30 de março e os três restantes com as sessões de 2 de janeiro a 14 de março de 1828.

Na sessão de 7 de novembro de 1826 o deputado Francisco Antonio de Campos apresentou uma proposta para que, em quanto se não dessem outras providencias o tachygrapho mór nomeasse os tachigraphos e empregados precisos para a reorganização do *Diario da Camara*.

Esta proposta ficou, por decisão da camara, reservada até que a comissão do regimento interno apresentasse o resultado dos seus trabalhos.

Eram redactores n'essa epoca Miguel Ferreira da Costa e Possidonio Augusto Picaluga, ambos nomeados em 15 de dezembro de 1826.

Seguiu-se a usurpação do throno por D. Miguel de Bragança. Este, dissolvendo as côrtes por decreto de 13 de março de 1828 e mandando convocar os Tres Estados por outro, datado de 3 de maio, fez-se proclamar rei absoluto, ficando portanto abolida e posta de parte a mesma Carta que elle proprio, D. Miguel, havia jurado solemnemente cumprir, guardar e respeitar.

As famosas sessões de 23 de junho a 15 de julho, que discutiram a legitimidade do sr. D. Miguel a corôa d'estes reinos, e o proclamaram rei, foram publicadas em separado, mas depois mandadas cancellar e archivar pelo governo constitucional.

3.ª EPOCA

Em 1824, depois da restauração do regimen liberal, de novo se reuniram côrtes e portanto reviveu o *Diario da Camara*, sendo convidado a redigir-o o ex-redactor do *Patriota* João Norberto Fernandes.

A publicação sahiu com o titulo disposto da seguinte forma:

DIARIO
DA CAMARA DOS DEPUTADOS
DA
NAÇÃO PORTUGUEZA

No primeiro numero vieram as actas da sessão real d'abertura e da sessão de 18 d'abril do mesmo anno.

Em 1836 falleceu Norberto Fernandes. A publicação do *Diario* soffreu com isso bastante, e em 15 de dezembro d'esse anno foi pela secretaria d'estado dos negocios do reino nomeada uma comissão composta dos deputados: conde da Tappa, Leonel Tavares Cabral, José Pinto Soares, Julio Gomes da Silva Sanches, e João Baptista d'Almeida Garrett, para de novo se estudar o plano de um diario proprio para as discussões das côrtes geraes e constituintes da nação portugueza (*D. do Gov. n.º 298 de 1836*).

Quinze dias depois — no dia 30 — appareceu na tolha official um decreto referendado por Passos Manuel em que se determinava a publicação do *Diario das Côrtes*. Esse decreto contem nove artigos, dos quaes passamos a transcrever na integra os tres primeiros, visto que os tres restantes se relacionam com a organização tachigraphica, e, portanto, alheios ao assumpto a que nos temos de limitar.

«Conformando-me com o Projecto que á Minha Real Presença fez subir a Comissão encarregada por portaria de 15 do presente mez, de Me propôr os meios mais accomodados para que as Côrtes Geraes e Constituintes da Nação Portugueza possam ter um diario proprio para as suas discussões, Hei por bem decretar o seguinte:

«Artigo 1.º. A totalidade dos trabalhos das Côrtes Constituintes será publicada em duas series, sob a inspecção da Comissão que as mesmas Cortes para esse fim designarem.

«Artigo 2.º. A primeira serie imprimir-se-ha successivamente no *Diario do Governo* e comprehenderá na mais ampla extensão os debates legislativos.

«Artigo 3.º. A segunda serie constituirá uma edição official das Actas das Côrtes Geraes addicionando-se-lhe, na integra, todas as peças que, ou lhes forem presentes ou n'ellas se debaterem, e será distribuida pelos Deputados, Municipalidades, Tribunaes, pelas Minhas Legações nas Côrtes Estrangeiras e pelas Legações Estrangeiras em Portugal.»

Os artigos 4.º, e seguintes, determinam que na Imprensa Nacional haja um corpo de operarios destinados exclusivamente á impressão d'este diario; que o lente de tachygraphia é provisoriamente nomeado tachygrapho-mór das côrtes e chefe da repartição onde se organisaria a publicação das duas referidas series do diario; que o tachygrapho-mór fica encarregado de formar um regulamento dos trabalhos tachygraphicos, etc.,

Debaixo d'estas disposições officiaes se publicou o *DIARIO DAS CORTES GERAES, EXTRAORDINARIAS E CONSTITUINTES DA NAÇÃO PORTUGUEZA*, que que forma tres volumes contendo as sessões de 13 de março a 14 d'outubro de 1837.

Por essa occasião foi nomeado 1.º redactor Damaso Joaquim Luiz de Sousa Monteiro (decreto de 26 de maio 1837) com o ordenado de 600\$000 réis e 2.º redactor José de Castro Freire de Macedo (dec. de 16 de março de 1838).

Em 1839 deu-se a publicação do *Diario* a uma empreza particular da qual era proprietario David da Fonseca Pinto, ex-redactor da *Chronica Constitucional* e do *Diario do Povo*.

Entre as clausulas impostas pela camara á nova empreza avultava a da pena de multa de 200\$000 réis quando o resultado de cada sessão não fosse apresentado no prazo de cento e vinte horas (*cinco dias*) e que á camara ficavam reservados os direitos de despedir a empreza desde logo que ella deixasse de cumprir as clausulas a que havia obrigado,

O 1.º Numero do *Diario da Camara dos Deputados* — como então se ficou chamando a este repositório dos actos da camara dos representantes da nação — trouxe a sessão real d'abertura das cortes extraordinarias em 9 de dezembro de 1838, seguindo-se lhe depois todas as actas da sessão ordinaria no referido anno, bem como dos annos subsequentes até 52 de março de 1841 em que as côrtes foram adidiadas para 25 de maio.

Partindo para a Africa, para o seu novo emprego, David da Fonseca Pinto, informou este ao governo de que havia cumprido escrupulosamente o contracto a que se havia comprometido com a camara, sendo durante essa empreza o total da despesa feita com o diario 14:866\$000 réis por cada sessão legislativa.

O *Diario da Camara dos Deputados* passou depois d'isso para a immediata direcção dos empregados da secretaria da camara, como se pôde ver pela acta da sessão de 25 de maio (pag. 21-22).

Para 1.º redactor foi nomeado em 4 de março de 1843 João Baptista Gastão, ex-redactor da *Gazeta de Portugal*, e para o auxiliar o amanuense da secretaria Francisco Lessa com o ordenado de 360\$000 réis.

O diario progrediu regularmente em harmonia com as sessões da camara até 23 de maio de 1846, dia em que as côrtes foram dissolvidas.

Em 1847 não se reuniram côrtes pela agitação em que esteve todo o paiz.

Em 1848, 1849 e 1850 continuou a sahir o *Diario*, constando de tres volumes cada anno e contendo cada volume as sessões recorridas de janeiro a agosto d'esses annos.

Em 1851 publicaram-se 4 volumes — de janeiro a 9 d'abril — dia em que foi adidiada a sessão, sendo pouco depois as côrtes dissolvidas.

N'esse mesmo anno de 1851 publicou-se o 1.º volume da seguinte legislatura, contendo sómente a sessão real da abertura, em 15 de dezembro, e as onze sessões preparatorias até ao dia 30.

(Continúa

Silva Pereira.

A RAINHA DE ESCOSSIA

SCENAS DA VIDA ARTISTICA POR S. ADELUNG.

(Continuado do n.º 613)

A ideia de que as cabeças do pobre Langs viessem jamais a apanhar a medalha de ouro deu-me vontade de rir,

—Ha mais pintores na nossa terra, repeti.

—Que esteja no nosso caso não sei de nenhum. O professor preside ao jury, e portanto, não concorre; o Volck bem sabes que morreu, e os mais são paisagistas, disse Wolkow. E tu, meu velho, tens coisa que se veja?

—De nôvo, nada. O mesmo projectado quadro que eternamente me persegue, e para o qual ando, como sempre, á procura de modelos. E d'ahi, conto tanto com a medalha, como poderia contar com...

—Porque dizes isso?

—Primeiro, porque és tu que a tens certa; bem sabes que desde a venda da tua famosa «dansa de Dyades» todos á uma te reputamos o primeiro.

Wolkow encolheu os hombros e fez um gesto depreciativo, mas o certo é que corou de prazer.

—Qual historia! — Mero acaso, meu velho, acaso e nada mais. Mas vamos, dê por onde der, amigos como d'antes, pois não é assim? e estendeu-me a mão; — por conseguinte, fallemos a serio sobre o caso; discutamos os nossos planos; d'aqui até á exposição já não vae longe — um anno, e escasso.

Sentados no meu divan turco, a um canto do atelier, para ali ficamos a tagarelar até alta noite. Que optimo rapaz, que excellente collega não era o meu amigo Wolkow?

Quanto mais o ouvia dissertar, n'aquelle seu tom fogoso; a armar castellos no ar, gesticulando com tanta vida e animação, mais me entrava o desejo, se acaso isso de mim dependesse, de lhe conferir a medalha de ouro. Que era elle o mais genial e o mais inspirado de quantos talentos juvenis contava a nossa escola, ninguém se quer pensava em contestar: um Mackart, um Rubens em ponto pequeno, diziamos muitas vezes; e, apesar dos verdes annos, as suas composições, ricas de fantasia, engenhosas e bem pensadas, o seu conhecimento precoce da magia da luz e sombra, a sua estupenda destreza de pincel, impunham-se ao nosso respeito.

Tão raras qualidades artisticas eram ainda realçadas pela limpidez do colorido, sempre brilhante, mas justo, cujo encanto nos seduzia.

A sua historia era a seguinte: alguns annos atraz, apeára-se na estação do caminho de ferro da nossa pequena cidade um rapazote, oriundo do sul da Russia, magro, escanzelado, mais que pobremente vestido, e não fallando, sequer, uma palavra d'alemão. Dirigiu-se ao primeiro individuo estrangeiro que encontrou, e pediu-lhe que lhe ensinasse o caminho da Escola de Pintura. Pelo mais extraordinario dos acasos, o individuo interpellado era d'origem russa; conjoído da penuria em que via um seu compatriota, interessou-se sin-

POESIAS DIVERSAS

TEXTO

VERSIONE

ANTE EL SEPULCRO DE MI AMIGA A. M.

DINNANZI AL TUMULO DI UNA DONZELLA

Ni una luz, ni una flor sobre su tumba!
¿De sus tiernos y asiduos amadores
La turba donde está?
Pobre niña! Olvidáronte los mismos
Que eran de tu beldad aduladores;
Libres se juzgan ya.

Né una lampa, né un fior sulla tua tomba!
Degli assidui tuoi teneri amatori
La turba dove fu?
Povera figlia! Quei ch'erano un giorno
Della bellezza tua adulatori
A te or non pensan più.

Ellos amaban sólo tu belleza:
¿Que les importa el alma á los que miran
En la materia un Dios?
Entregan al olvido tu memoria,
Y de otras bellas á los pies suspiran,
Siguiéndolas en pos.

Essi amavano sol la tua beltade:
Che importa l'anima a tutti quei che mirano
Nella materia un Dio?
Condánnano all'oblio la tua memoria,
E d'altre belle proni ai pié sospirano,
Con lascivo desio.

Mas yo, que al par que tu hermosura, pude
Admirar tu virtud y tu inocencia
Plegarias te daré!
Ellas, mejor que las mundanas flores,
Llegan al trono de la Eterna Ciencia,
Del que todo lo ve.

Io però, che non pur ti esaltai bella,
Ma ammirai il tuo candor, la tua innocenza,
Prego per te con fede.
La prece, meglio ch'ogni fior mondano,
Arriva al trono dell'Eterna Scienza
Di Quel che tutto vede.

D. José Lamarque de Novoa.

Prospero Peragallo.

ceramente pelo rapaz, que viéra andando a pé centenas e centenas de léguas, com o propósito firme, dizia, de aprender a pintar, na Allemanha. Porque motivos não encaminhara seus passos para qualquer dos principaes centros artisticos do paiz; porque é que se não dirigira a Berlim, a Dusseldorf, ou a Munich, Deus e elle o sabiam — o certo é que elle ali estava. Nem, a tal respeito, era alias, facil, sacar-lhe grande coisa; extenuado e sem recursos, a paixão que o dominava, servindo-lhe de estímulo, levára-o a emprender tão longa e fadigosa jornada.

Os seus papeis estavam em ordem, e não faltaram almas caridosas, que o vestiram e lhe facultaram meios de se apresentar com decencia, proporcionando-lhe sufficientes recursos para frequentar um curso de habilitação á escola superior de pintura. Os seus progressos no desenho a todos maravilharam; logo no fim do primeiro anno foi admittido na Escola, onde concluiu os estudos de modo brilhante e com inerivel rapidez; até que, afinal, não havia ainda muito tempo, alugára um modesto atelier. Os seus esboços e estudos, não menos do que os quadros acabados, excitavam geral admiração, e não havia, na cidade, artista, cujas producções encontrassem mais aceitação.

Elle e eu, eramos, ha muito, intimos amigos. A physionomia irregular, angulosa e de caracter pronunciadamente tartaro, do joven moscovita, apesar dos labios grossos, revirados, da testa estreita e curta, tinha um certo encanto.

O brilho, deveras extraordinario, dos seus olhos tão grandes e rasgados, denunciava, á primeira vista, ardente imaginação e poderosa intelligencia. A robustez da sua figura esbelta, elegante, manifestava-se em todos os movimentos: o gesto, sempre expressivo, era rico em força e energia. Era frisante o contraste que apresentavamos, e Leão exercia sobre a minha pessoa influencia irresistivel — Eu, magro, esgalgado, de cabellos louros, corredios, possuidor de umas enormes mãos, vermelhuscas e desastradas para tudo quanto não fosse pegar em pincel. A minha amizade sincera retribui-a elle com affecto e ternuras, por assim dizer, feminis.

E agora, ambos reunidos em amigavel cavaqueira, em frente dos respeitaveis cangirões de espumante cerveja, que a porteira foi buscar, era ver com que maternal carinho me dirigia conselhos, exprobando-me o que elle chamava a minha germanica propensão á preguiça, a minha completa ausencia de confiança em mim mesmo, e a minha falta total de iniciativa e de energia.

— Tu nem sabes quanto vales! disse, acompanhando, segundo seu costume, cada palavra com gesto animado, expressivo. Sacode por uma vez essa apathia e mostra afinal, ao mundo, quanto póde o grande pintor Hans de Ulmbach! Dá dois puxões n'essas orelhas — a ver se espertas! Fustiga, zurze essa mandria, meu velho! — e são teus a fama, as honras... e a medalha!

Abaixei a cabeça e retorqui: — Este reboliço e a bulha toda que por ahí vae a propósito da futura exposição perturba-me — ando desnorteado! E d'ahi, tu bem sabes que de balde procuro, ha muitos mezes, um modelo capaz para a protagonista do meu quadro grande, a desventurada Maria Stuart; e eu, infelizmente, não possuo, como tu, o talento de transformar na tela em divindade a primeira figurona que te entra pela porta dentro.

Preciso de um modelo que me impressione, que me entusiasme e me inspire. Só me poderia tirar de difficuldades uma dama, que o seja a valer... uma heldade aristocratica, cuja frente se me afigure digna de ostentar uma corôa. Ora, tu bem vês o que por ahí temos... a Rosita, uma creança anda, a do cesto das laranjas, lembraste? aquella que ainda descalça e com os pés tão negros, tão sujos. A outra, a Bungers, nem tem feitiço, e apresenta o dobro da idade da minha formosa rainha. Aquella ruiua, a Annita, a das melénas de capácho, ou a Paulina, das pernas cambaias, e disse. Como queres tu que eu com qualquer d'esses estafermos improvise uma Maria Stuart? Não, meu rico amigo, a nossa Escola de Pintura merece-me toda a consideração, mas lá emquanto a modélos, has de concordar que não é rica. Nos grandes centros artisticos, taes como Paris, Roma, Berlim...

Leão interrompeu:

— Espéra lá, disse, accudiu-me agora mesmo uma ideia, e quer-me parecer que, com tempo, talvez te possa arranjar coisa de geito.

Assaltei-o com perguntas, mas nada mais conseguí extorquir-lhe.

— Nada, nada! replicou, — não falemos mais em tal, emquanto eu te não poder dar resposta a valer. Entretanto, porque não tornas tu a annun-

ciar nos jornaes a ver se te aparece algum modelo?

A este respeito havia uma historia, antiga já, e que dera que fallar algum tempo, quando Wolkon frequentava ainda a classe do antigo, e eu, a do modelo vivo. Já n'essa epoca se tornava assaz sensível a escassez de bons modélos, e, tanto eu como os meus companheiros de estudo andavamos anciosos por emprender trabalho, que d'alguma forma nos captivasse, e em que melhor pudessemos revelar as nossas respectivas aptidões. Cahi na asneira de mandar, para os diversos jornaes da localidade, o seguinte annuncio: Para meninas ou senhoras, trabalho pouco fatigante e bem remunerado — no sitio tal se dão informações. E em seguida, já se vê, a rua e o numero da porta do nosso atelier.

Ai de ti que tal fizeste! Não imaginam as caçadas, as troças que tão triste lembrança me rendeu. Com a timidez que me é propria, acanhei-me de acrescentar ao annuncio as palavras «novas e formosas» e a indicação do serviço exigido. As consequências foram, durante toda aquella semana maldita, a argola da nossa porta não conhecer descanso: era um assedio incessante de creaturas do sexo feminino, de todas as formas e feitios, á excepção do que desejavamos. Mendigas esqualidas, andrajosas, em mulélas; outras agarradas a um pau — velhas sordidas de paia no olho, desdentadas, de cabeça amarrada, côxas, tortas, aleitadas, todas, já se vê, promptas a aceitar — «trabalho leve e bem pago.» Só d'uma vez, nos entram por ali dentro tres megéras, as proprias tres bruxas do Macbeth, e Deus sabe o que me custou a ver-me livre de semelhantes fúrias, que levaram mais de um quarto de hora a descompor-me, e que, para as pôr na rua, tive ainda de lhes pagar. O professor, que entrara, havia momentos, e começara a corrigir os nossos trabalhos, irritado com a interrupção importuna, quiz saber a que vinha semelhante algazarra. Não tive mais remedio senão contar-lhe o caso, e ora imaginem o que elle se rio á minha custa, — e a minha triste figura! Como bem podem suppor, a classe em pêsse fez côro, e a coisa veio a render-me a quizilenta alconha a *ingénua*, apódo de que me não vi livre até hoje, apesar de todos os pezares.

(Continúa)

Pin-Sel. (trad.)

NA RIBEIRINHA

NAS NUPIAS DA EX.^{ma} SR.^a D. LUIZA DE MELLO

I

O sol esmoreceu nos ultimos lampejos e deixou, sobre a terra, um denso, escuro veio. Depois milhares d'estrellas na abobada do ceo brilham lucilantes. Esvoaçaram beijos nas auras vespertinas.

Que bello occaso este após a tarde amena! Como a noite revêste o seu manto de sombras. Do campo vem aromas que se evolvem no ar. Os laranjaes perfumam dos densos pinheiraes as verde-negras cômas e tapetam, de branco, estradas que espumam. A lua, no emtanto, põe doces claridades nos campos silenciosos, no dorso das cidades.

II

Alli, n'aquelle chalet; que se ergue branco, esguio, aos raios do luar, foi acoiatar-se, terno, um par, — ditoso par! — O que o levou alli? O amor, a esperança, a fé! ... Pois que Deus abençoe o perfumado lar!

Ponta-Delgada 27 de novembro de 1895.

Mendo Bem.



REVISTA POLITICA

Agora sim, é que temos bom assumpto para a nossa revista, assumpto do primeira ordem ainda que não estivessem as camaras abertas, em plena epoca legislativa conforme preceitua a Carta Constitucional.

Os acontecimentos politicos que dominaram n'estas ultimas semanas, não vieram da arcada nem do parlamento; não se enjendraram no meio

das intrigas politicas, dos corrilhos ambiciosos, que é como quem diz politica de barriga.

Nada d'isso. Os acontecimentos politicos que d'esta vez temos a registrar, vem de longe e são tão vastos como a vastidão dos plainos africanos onde elles se determinavam. O seu alcance suplantava toda a politica interna d'estes ultimos tempos, e o que não conseguiram todos os esforços dos politicos, dentro dos seus ideaes cômestinos, para levantarem o nivel moral da nação, realisou-o um punhado de valentes nas plagas africanas levantando tão alto o nome de Portugal, que a imprensa estrangeira, que até aqui só tinha desdens para o nosso paiz, chegando mesmo a insultar-nos, mudou inteiramente a sua linguagem, dizendo, como por exemplo em França, fallando de Portugal.

C'est un pays qui se relève.

E de todos os governos estrangeiros recebeu o rei de Portugal e o governo portuguez, significativas felicitações pelo triumpho das nossas armas em Africa, contra o mais temivel potentado que avassalava toda a Africa Oriental com o seu despotismo feroz.

E de um extremo ao outro do paiz passou uma corrente electrica, que foi como que o renascimento de um povo ha tanto tempo adormecido sobre os loiros de cem batalhas, quasi esquecido da sua historia, indifferente hoje, em vista de tantas glorias passadas que julgou já não poder realisar mais, sendo a sua alegria de agora tanto maior, quanto de maravilhoso foi o feito d'armas que o despertou do letargo em que jazia.

Sim o maravilhoso foi tudo.

Vencer em Gaze como os francezes venceram em Madagascar, não satisfazia o espirito aventureiro dos portuguezes. Era uma lucta calculada e medida, mas não era uma aventura; seria uma gloria mas não era uma maravilha.

Assim é que devia ser; os portuguezes serem muito poucos, pouquissimos, como em Aljubarrota, como em Ermuz ou Diu, e os vátuas serem muitos, muitissimos, quinze, vinte ou mais vátuas para cada portuguez, e os nossos levarem de vencida, n'um momento, todo aquelle poderoso exercito, e a alma nacional acordar então ao estampido da artilheria, que varria as fileiras inimigas e illuminava as extensas lagunas com os seus clarões, fitar de cá os heroes que se batiam, quasi perdidos no meio dos milhares de zulos que os cercavam, vêr que esses heroes eram os mesmos de outr'ora, que renasciam das cinzas como a phenix da Fabula e bradar n'um côro unsono, sincero e crente: — Ainda somos portuguezes.

Pois bem, se o paiz acordou d'essa indifferença que o avassalava; se póde hoje reconhecer que não está tudo ainda perdido para quem affirma d'este modo a sua força e vitalidade, é preciso que aquelles que o dirigem não inutilisem o sangue derramado e saibam aproveitar, despidos de paixões, e com vistas largas, de uma politica patriótica e de interesse geral, este renascimento, para que elle não seja um ultimo arranco do leão.

João Verdades.



Novas do outro mundo — Carta de João de Deus aos estudantes, por João da Camara. Uma brochura nitidamente impressa, illustrada com o retrato de João de Deus. Empreza do OCCIDENTE, editora, Lisboa. E' a ultima novidade litteraria, com que D. João da Camara, o festejado auctor do *Affonso VI* e de *Alcazer Kibir*, acaba de enriquecer as letras portuguezas.

D. João da Camara inspirando-se n'aquella quadra que João de Deus escreveu o anno passado aos estudantes

Que vindes cá fazer, oh! Mocidade?
Despedir-vos de mim? — Quanto vos devo!
Tambem levo de vós muita saudade
E em lá chegando á outra vida... escrevo.

escreve um delicioso soneto, em que explica como leu nas estrellas o que João de Deus manda dizer, em primorosas quadras, como esta reiterando-se ás crianças:

Deus das graças infinitas
Disse que as minhas canções
Vindo das vossas boquitas
As tinha como orações.



1 A IMPRENSA — 2 OS ESTUDANTES — 3 CHEGADA DO CORTEJO AOS JERONYMOS — 4 O CATAFALCO NOS JERONYMOS

FUNERAES DE JOÃO DE DEUS

(Desenhos do sr. J. R. Christino)

Não transcrevemos mais para não tirarmos ao leitor o prazer da surpresa de tão deliciosa leitura, que custa apenas 100 réis.

Recordação da Fabrica Industria Nacional da Pampulha. E' um elegante e luxuoso kalendaro para 1896 com que o sr. Eduardo Costa, tão intelligente quanto activo industrial, acaba de brindar os seus freguezes e de que teve a amabilidade de nos enviar um exemplar.

O Kalendaro é impresso a côres e dourado, apresentando, graciosamente agrupadas as vistas exteriores da fabrica á Pampulha e do depósito, na rua dos Retrozeiros n.º 32 e 34, com as diversas medalhas que tem obetido nas exposições nacionaes e estrangeiras de Paris, Vienna d'Austria, Philadelphia, etc, vendo-se no alto do Kalendaro um bem parecido retrato do sr.

rio Antonino em Moçambique — Agosto de 1895.

Ha bastante tempo que temos na nossa carteira este jornal, impresso a azul, com 16 paginas matissadas com selecta collaboração. Alguns dos artigos são muito curiosos e bem se sahiram da homenagem ao popular thaumaturgo.

Almanach-Annuncio para 1896. Evora — Minerva Commercial — 1895.

E' este almanach um gracioso brinde que aos seus freguezes offerece o nosso illustrado correspondente em Evora, o sr. Americo Vilhalva, proprietario da Livraria Academica, d'aquella cidade.

Além de varios annuncios e respectivo kalendaro apresenta o *Almanach-Annuncio* uma secção litteraria bastante curiosa e interessante.

A' saudosa memoria do muito reverendo padre

Eduardo Costa emoldurado n'uma oval ornamentada de flôres.

Devido á intelligente direcção e grande actividade do seu proprietario, a Fabrica Nacional da Pampulha pôde orgulhar-se de ter realisado todos os progressos que a industria de bolachas tem tido nos paizes em que ella se explora com maior desenvolvimento, o que prova com o primoroso fabrico das profusas variedades que constantemente está apresentando ao consumo publico. A ultima variedade que apresentou são umas bolachas carnavalescas, deliciosas.

Santo Antonio—Numero unico commemorativo do VII centenario

João Baptista Gonsalves; conego honorario da Sé de Meliapur, capellão privado da S. Sé, desembargador da relação metropolitana de Gôa, India Portugueza, 1895.

No presente folheto exaltam-se as virtudes do fallecido prelado João Baptista Gonsalves e foi publicado por occasião das solennes exequias dedicadas na Igreja de Benaulim, por seu irmão o ex.º sr. Remedios, Sant'Anna Gonsalves, e que tiveram logar em 9 de setembro de 1895.

Bem merecidos foram taes testemunhos de apreço, e para nota illucidativa do caracter do saudoso prelado cujo retrato insinuante illustra o citado folheto, apresentamos as seguintes notas biographicas extrahidas do jornal indiano *Noticias*:

«**Padre João Baptista Gonsalves.**— A tragica morte acaba de derrubar para a voragem do sepulchro ao sr. João Baptista Gonsalves, vigario de Calangute, sacerdote dos mais distinctos pelo brilhante saber e notaveis virtudes.

«Contava apenas 52 annos de idade, e durante este decurso subira ao mais alto grau da escala sacerdotal.

«Eis aqui a nota das suas distincções:

«Capellão privado de Sua Santidade; governador episcopal do real padroado portuguez de Madrastra e Calcutá; desembargador da relação metropolitana da Sé Patriarchal de Gôa; vigario geral e provisor do bispado de Meliapur; conego honorario do mesmo bispado; reitor do seminario de S. Thomé; prior da Sé Cathedral de S. Thomé; director de um collegio inglez em Meliapur; socio da «Royal Asiatic Society»; socio honorario da Sociedade de Geographia de Lisboa; fundador e principal redactor do importante semanario inglez *Catholic Revue* publicado na terrivel crise por que passou o padroado, etc., etc.

«A sua morte enche de magua, não só a sua familia e amigos, mas ainda a populosa freguezia de Calangute.

«Foi por isso, que o seu funeral foi brilhante a não poder ser mais.

«Sentindo immenso a sua perda, dirigimos o nosso pezame ao seu irmão sr. Remedios Sant'Anna, Gonsalves e seus filhos, srs. dr. Franklin Gonsalves, residente em Madrastra, padre Herculano Gonsalves, professor de theologia no seminario de Dão e João Francisco Gonsalves.»

E não só este jornal como tambem — *O Crente, A India Portugueza*, os periodicos inglezes — *The Catholic Register, The Madras Mail, Madras Times, Indo-european, Exaniner e Madras Standart* teceram rasgados encomios á memoria do illustrado clerigo portuguez cujo passamento enluctou a India Portugueza.

NOVAS DO OUTRO MUNDO

CARTA DE JOÃO DE DEUS

AOS ESTUDANTES

POR

JOÃO DA CAMARA

PREÇO 100 REIS

Franco de porte

PEDIDOS A EMPREZA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

A venda na

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39